

A VERSÃO KING JAMES DA BÍBLIA

Apresentação

Manuel José do Carmo Ferreira
Universidade de Lisboa
Sociedade Científica

Desenrola-se a exposição da Senhora Professora Maria Laura Bettencourt Pires, consagrada à versão *King James* da Bíblia, com que abre o presente seminário interdisciplinar sobre *A Transversalidade Linguístico-Cultural da Bíblia*, em dois momentos distintos, se bem que articulados: num primeiro procura-se contextualizar os estudos bíblicos no plano de uma hermenêutica histórica segundo linhas conflituantes na interpretação, e até mesmo no estabelecimento do próprio cânone, facto que obriga a ter sempre no horizonte as orientações dominantes na esfera cultural que é a nossa, e ainda atender à produtividade dos modos de recepção na configuração específica de experiências civilizacionais; num segundo momento, traça-se como que a pré-história da versão *King James*, um marco de referência até à actualidade, quer na vivência religiosa da comunidade anglo-saxónica e suas ramificações, quer nas criações da literatura e da arte nos países de expressão inglesa, quer na própria cristalização do património linguístico inglês. Neste capítulo é igualmente referida a apropriação da Bíblia como instrumento de poder, o que converte a decisão de traduzi-la, no tempo e no modo de o fazer, num acto político.

A reconstituição da génese próxima e a descrição do investimento científico-teológico feito na tradução prolongam-se numa reflexão sobre a presença matricial da versão autorizada na história da língua inglesa, sobre a sua função modelar na prosa e na poesia, sobre a beleza intemporal do texto estabelecido.

Fica-nos a convicção de que o texto bíblico cresce com a sucessiva emergência de novas versões que nos restituem a sua infinita abertura de um dizer sempre novo, que nos convocam de um modo sempre inesperado a ouvir uma Palavra que faz novas todas as coisas.

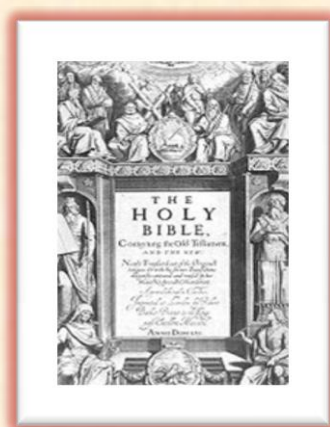
A Versão King James da Bíblia

Maria Laura Bettencourt Pires
Universidade Católica
Sociedade Científica

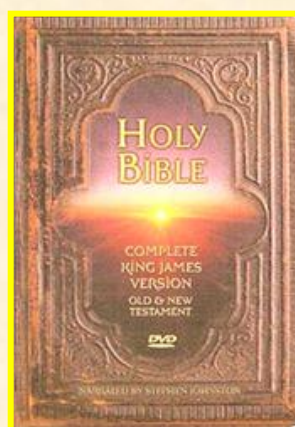


A Versão King James da Bíblia, como é do conhecimento geral, é considerada a mais famosa e influente versão inglesa da Sagrada Escritura e consequentemente, muito sobre ela se poderia dizer. Porém - não sendo eu uma teóloga credenciada nem especialista reconhecida do tema em geral como os outros conferencistas, nem sequer da também denominada *Authorized Version* - irei limitar-me a referir a importância dos Estudos Bíblicos na nossa actualidade tão conturbada e a inegável contribuição da versão *King James* para a literatura, a cultura, a arte e a língua dos países de expressão inglesa e também para o resto do mundo.

Tratando-se de um tema tão estudado ao longo do tempo, e sobretudo durante o ano de 2011, quando se celebrou o 4º centenário da sua primeira edição em 1611, sei também que vou certamente repetir algo que já foi dito pelos grandes exegetas e eruditos estudiosos da Bíblia assim como por historiadores e especialistas das ciências da linguagem que, recentemente, cruzaram as suas investigações.



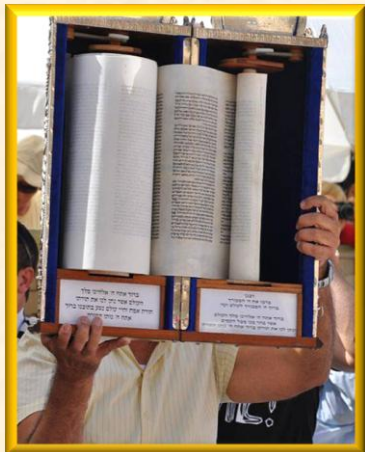
1611



2011

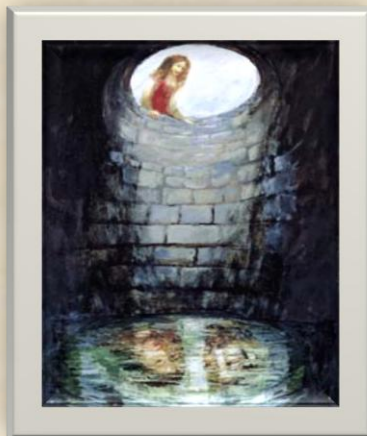
Quanto à estrutura da minha comunicação, quero, obviamente, como membro da Sociedade Científica, começar por felicitar a Direcção por esta iniciativa e, como organizadora do Seminário, agradecer a todos os conferencistas que me deram a honra de aceitar os meus convites para nos virem falar nas próximas sessões deste Seminário e a todos os presentes por nos acompanharem nestas jornadas de estudo. Ao procurar colaboradores para este Seminário tive em linha de conta a vontade de representar a diversidade de perspectivas formadas por diferentes modos de interpretar a Sagrada Escritura, embora esteja consciente de que, apesar disso, muitas vozes não estão representadas. Ao convidar os conferencistas, pedi-lhes para reflectirem sobre alguns dos factores que possam ter contribuído para formar o seu interesse pela Bíblia e influenciado o seu modo de a interpretar pois

sabemos que, quando Católicos, Protestantes e Judeus falam da Bíblia, a vêem de forma diferente já que o Cânone da Escritura difere para cada comunidade não apenas no número e identidade dos Livros mas também na ordem em que aparecem.



Estou, obviamente, também consciente de que a leitura da Bíblia é uma tarefa que não tem fim, que se renova e refresca com cada nova comunidade de leitores que levantam questões e apresentam perspectivas alimentadas pelas suas experiências. São múltiplas, portanto, as perguntas que surgem a este propósito, e entre elas, destaco as seguintes:

- O que é a Bíblia?
- Como influencia aqueles que a consideram como a norma para a sua fé e prática de vida?
- Como podem os leitores actuais compreender a linguagem dos antigos escritores?
- O que significa chamar à Bíblia “A Palavra do Senhor”?

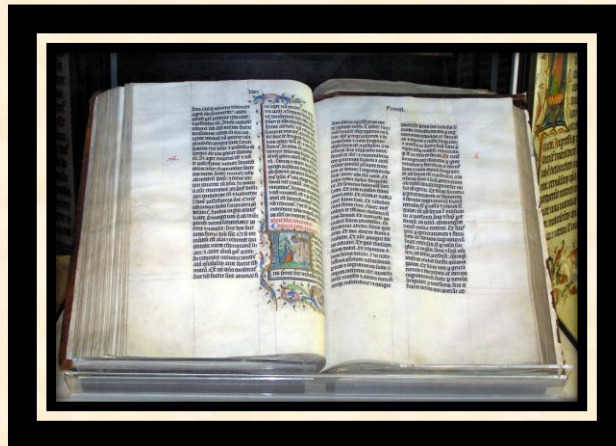


Sieger Ködel, "Conhecias até ao fundo da minha alma". Salmo 139

A propósito destas interrogações e do processo de interpretação, ou exegese com o objectivo de explicar o texto, sabemos que se trata de algo que leva muito tempo para atingir a maturidade mas podemos dizer que começa com uma leitura cuidadosa e activa, que tente compreender o tempo, o lugar e o objectivo devido ao qual um livro tão especial como a Bíblia foi escrito, quais as principais preocupações dos autores e das comunidades que lhe deram forma e os significados dos termos característicos que encontramos no texto pois todo o processo de leitura se legitima a partir do seu objecto.

Sabemos também que filtramos aquilo que ouvimos e lemos através da nossa própria experiência e que, por isso, a situação de um leitor, ou de um intérprete moderno, de uma obra tão antiga, como a Bíblia, é complexa pois o lugar ocupado pelo leitor na história, na cultura e na sociedade influencia inevitavelmente aquilo que ele apreende do texto e as questões que lhe parecem importantes levantar sobre a narrativa e o seu contexto. É evidente que comentários e outras ferramentas de investigação, como dicionários da Bíblia, podem ajudar neste processo de leitura e cada um deles representa o trabalho de leitores habilitados que procuram interpretar os materiais bíblicos assim como todos os recursos que reflectem os ambientes culturais dos autores.

A primeira dimensão da diversidade de que um intérprete deve tomar consciência é a dos próprios materiais bíblicos. Escritos há mais de um milénio e coligidos ainda há mais tempo e sendo originários de pessoas que viveram em sociedades de diversas dimensões e formas que vão de pequenas comunidades tribais a cidades cosmopolitas, os materiais bíblicos reflectem amplamente os diferentes pressupostos sobre formas sociais e valores, teologia e prática religiosa. É importante reconhecer o contexto específico e, tanto quanto possível, as pressuposições que esse contexto transmitia.



Além da referida variedade de contextos históricos e sociais dos materiais, na Bíblia há também uma diversidade de formas de literatura que vai das narrativas à poesia, aos textos legais, epistolografia, canções e provérbios, entre outros. É importante também reconhecer que nenhum intérprete moderno chega directamente à Bíblia pois é herdeiro de leituras conceptualizadas e influenciado por séculos de interpretação, cujos resultados não se podem praticamente distinguir do próprio texto.

Após esta breve introdução, antes de entrar propriamente no tema da minha palestra, como é habitual nestes casos, vou fazer algumas referências ao título do Seminário até por ter sido interpelada nesse sentido por um dos participantes. Designámos este ciclo de palestras como "Seminário" porque pretendemos que todos os presentes possam participar nos debates no final das sessões e se sintam com pleno direito de o fazer; o adjectivo

"Interdisciplinar" indica, evidentemente, que pretendemos que haja olhares cruzados e diferentes pontos de vista nas nossas reflexões sobre a Bíblia pois é evidente que as várias abordagens dão resultados ou conclusões distintas que enriquecem a nossa visão e nos levam a recusar a ideia de uma objectividade pura e a estar abertos à possibilidade de leituras contemporâneas que têm em linha de conta a polifonia dos pontos de vista acumulados na obra pois a narrativa não é o resultado de único olhar mas da acumulação de olhares diversos e por vezes discordantes. Quanto à noção de "Transversalidade", cuja etimologia latina é *transversus*, e que é descrita nos dicionários como "qualidade do que passa através", "linha transversal que atravessa, que se estende através" e algo que "é interseccional a um sistema de outras linhas", queremos com isso dizer que a Bíblia "tem impacto, diz respeito e é comum", tanto de um ponto de vista da sua influência religiosa como também linguística e civilizacional, pois tem um papel cultural comum - que já foi até designado como "atmosférico" por estar no ar que respiramos mesmo que não tenhamos consciência da sua presença ou poder - tanto na Cristandade como no Judaísmo.

Quanto ao último vocábulo do nosso título, a Bíblia, que é considerada como um dos mais fabulosos tesouros da história da humanidade é também, como sabemos, um dos mais difíceis de interpretar, sendo mesmo motivo de conflitos pois todas as suas interpretações reflectem perspectivas apaixonadas que afectam não apenas a religião mas também a política, a arte e até a ciência. Por outro lado, sendo o principal livro adoptado pelas religiões cristãs e judaica, são tantos os estudos feitos e as obras publicadas ao longo do tempo, desde a Antiguidade, que apenas poderei fazer-lhe aqui umas singelas referências genéricas.

Seguindo a forma tradicional de abordar um assunto, podemos começar por indagar a origem etimológica dos vocábulos que usamos e verificamos assim que *biblia* era o termo grego para livros. Pensa-se que deriva da cidade Byblos, de onde eram exportadas grandes quantidades de papiros. *Biblos* significava "papel", "livro" e "papiro". Sendo este o material

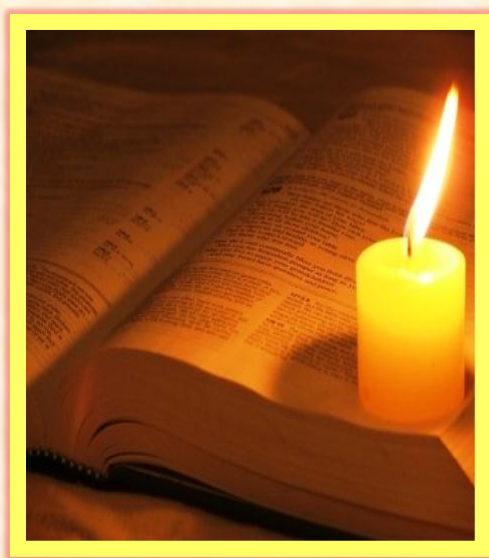
de escrita produzido a partir de tiras sobrepostas e cruzadas do caule da planta *Papyrus* é a origem da nossa palavra papel. Pergaminho é um outro tipo de suporte de material de escrita preparado a partir da pele de animais, que foi desenvolvido por uma biblioteca situada na cidade de Pergamum, na Ásia Menor. Por seu lado, Escritura, que era o termo mais usado no Novo Testamento, corresponde ao vocábulo grego para escrita.



Papiro

São inúmeros os eruditos que se têm debruçado sobre aquilo que já foi designado como "o mistério da Bíblia" e pode dizer-se que - além do conteúdo e de ser a Palavra de Deus - ele deriva do seu estilo inimitável, da beleza do som dos termos usados e do aparato oratório que tanto impressionam os leitores assim como do incontestável encanto da história narrada. Com efeito, as narrativas bíblicas - que foram durante muito tempo aperfeiçoadas oralmente antes de serem redigidas - obedecem a subtis regras

de composição e, por detrás das histórias aparentemente ingénuas, escondem-se as estratégias perspicazes dos narradores. Para justificar o interesse e a admiração causados pela Bíblia, basta pensarmos que, embora os materiais em que as Escrituras originais foram escritas não tenham resistido ao tempo - devido ao uso constante, aos climas húmidos, às guerras e ao fogo - as palavras sagradas, por exemplo, dos 10 Mandamentos (no Êxodo 34:28 e no Deuteronomio 10:4) têm dado forma ao mundo e ao sistema ético desde há 3.500 anos.



Pode ver-se a Bíblia como uma colecção de textos "canónicos" inúmeras vezes referidos noutras literaturas e cujos valores (tal como têm sido interpretados por indivíduos ou grupos poderosos ou dominantes) deram forma tanto a filosofias como a sistemas legais. Para consideramos a influência da Bíblia na arte e na literatura, basta pensarmos nos escultores de Chartres, em Miguel Ângelo ou nos mosaicos de Ravena ou nos nomes de Montaigne, Goethe, Nietzsche ou Dante.

Ao debruçarmo-nos mais especificamente sobre as traduções e as versões contemporâneas da Bíblia, vemos que, ao longo dos séculos, os sacerdotes e os eruditos assumiram o papel de "intérpretes" por pensarem que os leigos eram incapazes de compreender a Palavra do Senhor, tendo

vindo a ser feitas várias versões destinadas à Igreja antes de se considerar que era importante que a Bíblia fosse traduzida em vernáculo.

Por seu lado, a história das traduções da Bíblia para língua inglesa é muito longa e complexa e, por isso, apenas a poderei referir brevemente aqui. Segundo a tradição, o historiador conhecido como Venerável Bede estava a fazer a tradução da Bíblia para Anglo-Saxão quando morreu em 735 e algumas partes da Sagrada Escritura, tal como os Dez Mandamentos, trechos do Êxodo (21-23) e dos Actos dos Apóstolos (15) e alguns Salmos teriam sido traduzidas pelo rei Alfred, the Great (849-901) . Mais tarde, no século X, Aelfric (955-1020), o Abade do mosteiro de Eynsham, perto de Oxford, também traduziu para Anglo-Saxónico excertos do Antigo Testamento assim como os Evangelhos e alguns livros do Novo Testamento. Em cerca de 1300 foram também traduzidos em *Middle English* fragmentos dos Salmos e do Novo Testamento. Estas traduções foram as precursoras das famosas versões que, segundo a tradição, estão associadas com John Wycliffe (1320-1384) e que se baseavam na Vulgata de S. Jerónimo (346-420) do V século d. C., que era a versão latina da Bíblia oficialmente promulgada pela Igreja Católica ao longo da Idade Média e que tinha sido encomendada pelo Papa Dâmaso I em 382.

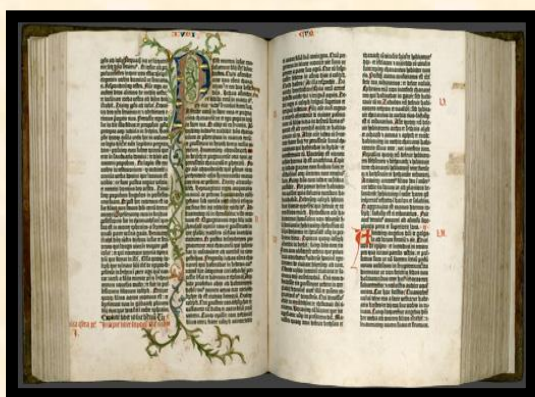


"Wycliffe Reading his Translation of the New Testament"

Ford Maddox Brown

É evidente que vários acontecimentos importantes que ocorreram na Europa tiveram também um impacto significativo na história da Bíblia inglesa. Antes de mais há que referir o movimento cultural do Renascimento, que trouxe consigo um interesse renovado pelo estudo do Hebreu e do Grego, as línguas originais da Bíblia e, em segundo lugar, a invenção de Johannes Gutenberg de uma tipografia com uma impressora com caracteres de metal móveis e a sua decisão, em 1455, de que o 1º texto a ser nela impresso seria a Bíblia. Esta inovação veio provocar uma verdadeira expansão no acesso à Sagrada Escritura, que chegou a Inglaterra quando a primeira impressora de Bíblias ali se estabeleceu em 1476. O 3º acontecimento a referir é, obviamente, a Reforma Protestante, iniciada, como é sabido, pelo facto de Lutero ter afixado as suas 93 teses na porta da igreja de Wittenberg em 1517.

A combinação destas ocorrências deu um impulso considerável à tradução da Bíblia em várias línguas modernas. Lutero traduziu o Novo Testamento do Grego para o Alemão em 1522 e William Tyndale traduziu-o do Grego para Inglês, em 1525.



Bíblia de Gutenberg

Tyndale, que tinha fugido para Anvers, foi preso e executado em 1535 justamente por ter traduzido a Bíblia em vernáculo. É, alias, justo referir que quase todas as traduções inglesas do século seguinte se basearam no trabalho de Tyndale, incluindo a *King James Version* de 1611. Antes daquela que viria a ser o marco de referência na história das Bíblias inglesas de que nos ocupamos hoje, houve, contudo outras traduções como a de Coverdale de 1535 e a versão geralmente denominada *Matthew's Bible* de 1537. Ambas estas versões obtiveram a autorização real em 1537. Seguiu-se, dois anos mais tarde, a *Great Bible*, assim chamada devido às suas grandes dimensões, que era uma revisão da *Matthew's Bible* feita por Coverdale, e que, por decreto real de Henry VIII, devia ser lida em voz alta em todas as igrejas em Inglaterra. Esta versão foi preparada por Myles Coverdale, por ordem de Sir Thomas Cromwell, o Secretário de Henry VIII e Vicar General. Em 1538, Cromwell deu directivas ao clero para que providenciassem um grande volume da Bíblia em Inglês, que deveria estar num local conveniente na igreja para que os paroquianos o pudessem ler comodamente. É também conhecida como: *Cromwell Bible*, por Thomas Cromwell ter ordenado a sua publicação; *Whitchurch's Bible* devido ao nome do impressor; *Chained Bible*, por ter de estar acorrentada para não ser roubada das igrejas e *Cranmer's Bible*, por Thomas Cranmer ter escrito um prefácio para a segunda edição.

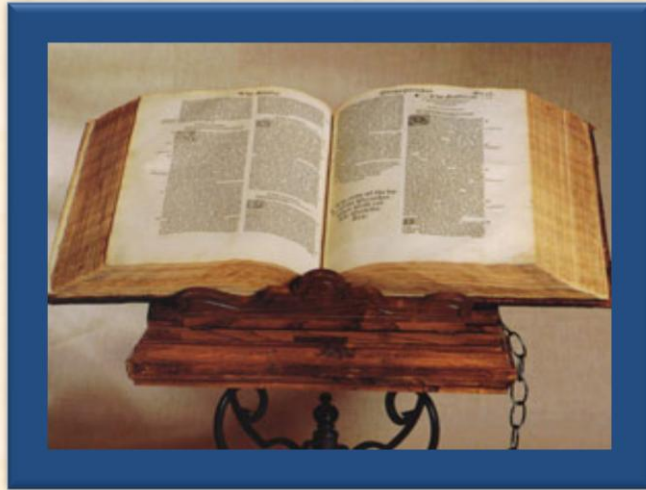
Durante o reino de Elizabeth I foram produzidas mais duas Bíblias em Inglês, que eram respectivamente: a *Geneva Bible*, assim designada por ter sido publicada, em 1560, em Genève, produzida por Protestantes ingleses auto-exilados naquela cidade suíça durante o reinado da rainha católica Mary Tudor e que tinha uma dedicatória a Elizabeth I e era muito popular, tendo sido a Bíblia usada por Shakespeare e, em 1568, a *Bishops' Bible*, (que teve uma 2ª edição em 1572) considerada uma melhor tradução do que a *Great Bible*.

No fim do século XVI, os Protestantes ingleses tinham, portanto, estas duas Bíblias que competiam pelo 1º lugar e o problema só ficou resolvido, na Conferência de Hampton Court, em 1604, quando o rei James I (que era James VI da Escócia), tendo reunido um grupo de bispos e puritanos, autorizou que fosse feita uma nova tradução mas proibiu especificamente o uso de notas

marginais que comentassem questões de doutrina, embora fossem permitidas notas sobre o sentido das palavras, que têm, aliás, muito interesse histórico, como todos comprovamos quando vemos um original da *King James Version*. Verificamos também, ao ler as páginas XXVI e XXVII da Introdução, que os tradutores trabalhavam sob severas restrições impostas por James I e que, na *Epistle Dedicatory*, citam as suas críticas à *Geneva Bible*, que continha censuras à autoridade monárquica e que o rei considerava "a pior Bíblia que já tinha visto". Vale também a pena ler as já referidas notas originais dos tradutores, nas quais falam das dificuldades que encontravam enquanto procuravam ser tão precisos quanto possível quando traduziam do Hebreu, do Aramaico e do Grego, seguindo as restritivas normas reais.



Geneva Bible



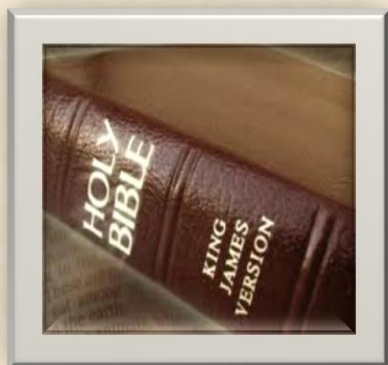
The Great Bible

Gradualmente esta tradução veio a estabelecer-se como a Bíblia Inglesa por excelência e a *Geneva Bible* foi publicada pela última vez em 1644.



James I

A *Authorized Version*, geralmente designada como *King James Version*, *King James Bible* ou abreviadamente *KJV*, é a tradução inglesa feita pela Igreja Anglicana que, tendo sido iniciada em 1604, apenas foi terminada em 1611. Foi publicada pelo impressor real Robert Barker, sendo assim a terceira tradução oficial em língua inglesa, após a já referida *Great Bible*, mandada fazer no reino de Henry VIII, e a *Bishop's Bible* de 1568, que veio a servir de texto base para a *Authorized King James Version* de 1611.



Como acima mencionado, foi em Janeiro de 1604, que o rei James I reuniu a Hampton Court Conference com o objectivo de fazer uma nova versão inglesa em resposta aos problemas encontrados nas anteriores traduções pelos Puritanos, uma facção da Igreja Anglicana. A *Authorized Version* de 1611 é, portanto, o resultado final de cerca de 100 anos de preparação que envolveu o estudo intenso de textos hebreus e gregos. As cinco edições gregas de Erasmo, as quatro de Stephanus, ou Robert Estienne, as nove de Theodore Beza, proporcionaram aos tradutores uma base de trabalho bem representativa da maioria dos manuscritos e que, além disso, tinha sido reconhecida (S. João 16:13) pelo povo de Deus ao longo dos séculos.

Houve sete traduções inglesas que prepararam e serviram de alicerce ao original da *King James Version*: Tyndale, Coverdale, Matthews, *Great Bible*, Taverners (que era uma revisão da Matthew's, Geneva e Bishops'. É também de referir que os tradutores da versão autorizada eram homens de uma erudição sem paralelo, que representavam o poder intelectual combinado das

duas mais importantes universidades inglesas: Oxford e Cambridge. Ao dar aos tradutores instruções precisas o rei tinha o objectivo de garantir que a nova versão iria respeitar a eclesiologia e reflectir a estrutura episcopal da *Church of England*, visto que a tradução foi feita por 47 eruditos, todos Anglicanos. Tal como nas outras traduções do período, o N. T. foi traduzido do Grego, o A.T. do texto hebraico e os Apócrifos do Grego e do Latim. No *Book of Common Prayer* (1662), que estabelece as leituras para as orações e serviços religiosos, os textos da *Authorized Version* substituíram os da *Great Bible* – relativos às leituras das Epístolas e dos Evangelhos – sendo assim autorizados por Decreto do Parlamento. Na 1ª metade do século XVIII, a *Authorized Version* era já efectivamente a única tradução inglesa usada nas igrejas Anglicanas e Protestantes, tendo vindo a suplantar a Vulgata Latina como versão padrão da Escritura para os eruditos de língua inglesa.

É também de referir que traduzir a Bíblia em vernáculo no século XVI era não só difícil mas também perigoso. Por outro lado, a Bíblia em Inglês ameaçava o poder do monarca e da Igreja. Os primeiros tradutores, como Tyndale, cujo trabalho muito influenciou a *VKJ*, foram perseguidos e executados mas apesar disso o desejo por Bíblias em vernáculo continuou a aumentar. Com efeito, foi a popularidade da *Geneva Bible*, com o seu conteúdo antimonárquico que eventualmente terá levado James I a sancionar a sua própria tradução que não atacava o poder real. Foi devido à existência de alguns erros nas primeiras versões e às preferências dos Puritanos pela Bíblia de Genebra que inicialmente atrasaram a aceitação da *King James Version*, que, como disse, acabou por se tornar a tradução definitiva da Bíblia em Inglês.

A história da produção da *King James Version* comprova o poder da Bíblia e relata a sua influência na língua inglesa moderna, na história de Inglaterra e sobre a fé de milhões de leitores desde a sua publicação em 1611 até hoje quatro séculos depois.

Outro dos aspectos desta versão que merece reflexão e análise é o da língua pois pode dizer-se que ela preserva o mais alto nível e o mais elevado

uso da língua inglesa que o mundo conheceu. Há quem considere que o facto de, após quatro séculos, haver tão pouco de arcaico nesta tradução não é apenas um acidente de erudição literária mas corresponde a um acto da providência divina pois embora, obviamente, existam profundas diferenças entre o Inglês falado actualmente e o Inglês isabelino, a verdade é que se pode dizer a *KJV* não está exactamente em língua inglesa elizabetana. Com efeito, o Inglês em que está escrita a *KJV* é mais preciso do que o de qualquer documento legal da época, mais belo do que qualquer outra obra literária do seu tempo e é mais facilmente memorizado do que o de qualquer outra tradução. A *KJV* foi um ponto de referência no desenvolvimento da prosa inglesa, o seu estilo elegante mas natural, que já foi classificado como Inglês Bíblico, teve uma enorme influência nos escritores de língua inglesa. Isto explica em parte por que a *Authorized Version* mantém a sua frescura e lucidez enquanto outras obras do mesmo período são difíceis de ler.

Ao pensarmos no texto de origem desta versão vemos que o Grego Koine do N. T. era já bíblico devido a uma forte influência hebraica. Não era a língua falada nas ruas mas, no seu tempo, era uma língua franca embora hoje seja uma língua morta pois os melhores eruditos gregos não pensam nem pregam ou rezam nela. Por seu lado, a Inglês é actualmente falado por mais pessoas do que qualquer outra língua, substituiu o Grego e o Latim como língua mundial e pode considerar-se que a honra dada a Deus pela *KJV* é uma das principais razões para esse sucesso.

As traduções da Bíblia foram todas decerto inspiradas mas a Bíblia inglesa ultrapassou-as em beleza e emoção e pode dizer-se que através dela a língua inglesa se formou pelas mãos de Deus e recebeu expressões hebraicas e gregas, passando formas idiomáticas hebraicas a serem formas idiomáticas inglesas que vieram enriquecer sua língua porque os tradutores da *KJV* respeitaram fielmente e seguiram a ordem das palavras do Hebreu¹.

É inegável que o Inglês é mais eficiente, compacto e expressivo do que qualquer outra língua. É o que temos hoje de mais semelhante a uma

¹ "It came to pass," "a man after his own heart," "as a lamb to the slaughter," "the salt of the earth," "thorn in the flesh," and "gave up the ghost" são alguns dos exemplos que vieram enriquecer a língua inglesa.

língua universal. Mais de 350 milhões de pessoas falam-no como 1ª língua e mais ainda o usam como segunda língua. Tem um maior vocabulário do que qualquer outra língua (550,000 entradas no *Webster's Third New International Dictionary*) e tornou-se a língua diplomática e a mais usada na ciência, na tecnologia, na economia e nas comunicações. Neste âmbito, é também de referir a inegável influência da *KJV* na literatura inglesa, que foi, sem dúvida, marcada pelo seu estilo como é evidente, entre outros, nas obras de Shakespeare, Bunyan, Milton e Dryden e mais recentemente, Walter Scott, William Blake, J. R. Tolkien e C. S. Lewis.

Os tradutores da *KJV*, afirmam que aprenderam na oração como Moisés foi ensinado por Deus a ser eloquente quando lhe diz "Agora vai e Eu estarei na tua boca e ensinar-te-ei o que dizer" (Êxodo 4:12) e traduziram a Bíblia num estilo e categoria de Inglês elevado e bíblico, moldado lentamente e formado pelo Grego e Hebreu dos MSS bíblicos, tal como estes tinham sido traduzidos para outras línguas muitos séculos antes, e assim a língua inglesa tomou a sua melhor forma no século XVI. Apesar da referida influência do Grego e do Latim, sabemos que alguns versículos na *KJV*² dependem principalmente de antigos manuscritos em hebraico.

Ao reflectirmos sobre a tradução, vemos que esta tem sido sempre o meio de preservação das Escrituras. A Bíblia tem sido traduzida, publicada em forma escrita e pré-gada desde que: "Todos ficaram repletos do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas..." como lemos no Livro dos Actos dos Apóstolos (2:4-18) ou na 1ª Carta aos Coríntios "Eu desejo que todos vós faleis línguas" (14:5-22). Lemos referências semelhantes também nas Cartas aos Colossenses (1:5-6) e aos Romanos (10:17 e 16:26).

Ao terminar estas breves reflexões sobre a *King James Version*, que foi universalmente considerada como "Provavelmente a mais belo texto de toda a literatura do mundo", cito H. L. Mencken, (1880-1956) que, no prefácio da obra de Gustavus Paine *The Learned Men* dedicada aos tradutores da *KJV*, afirma:

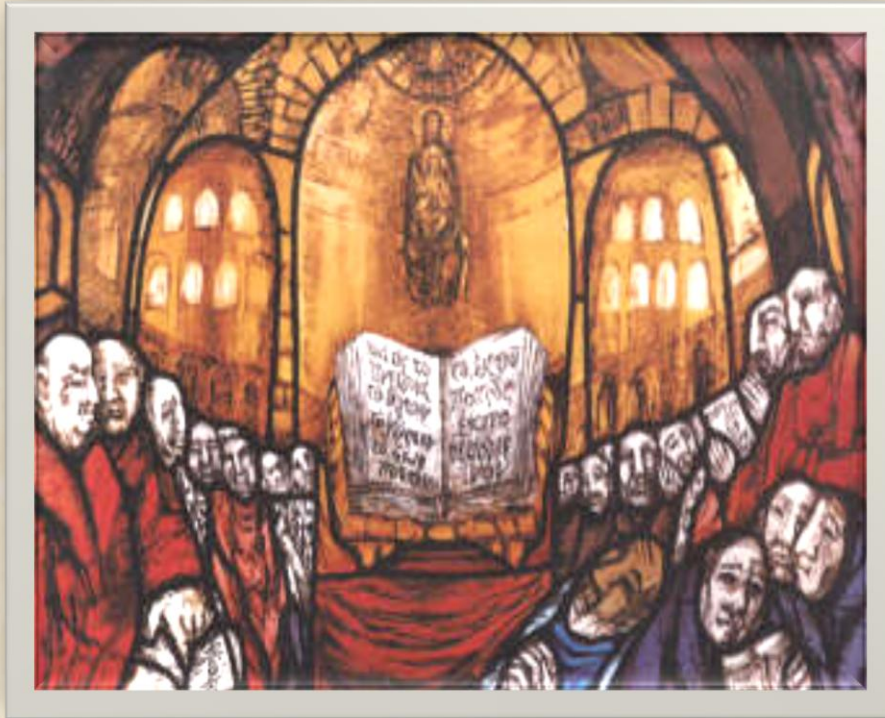
² | João 5:7, Actos 8:37, Actos 9:5-6, Actos 20:28 e Mateus 27:35.

"É a mais bela de todas as traduções da Bíblia... Em 1885 foi publicada uma Versão Revista e uma *American Revised Version* em 1901, e desde então muitos homens cultos mas imprudentes têm tentado fazer traduções que fossem matematicamente correctas, e em linguagem coloquial. Mas a *Authorized Version* nunca cedeu o seu lugar cimeiro a qualquer delas porque é obvia e comprovadamente melhor do que elas, tal como é melhor do que o N. T. Grego ou a Vulgata ou a Septuaginta. O seu Inglês é extraordinariamente simples, puro, eloquente, encantador. É uma mina de poesia magnífica e incomparável, que é a mais emocionante e comovedora que já se ouviu."

Com efeito, como é do conhecimento geral, há traduções vernáculas em outras línguas como Português, Francês, Alemão, Italiano e Espanhol que seguem de perto a *KJV* mas nenhuma delas tem a mesma prosódia, arte da versificação, estrutura métrica, rima e forma de versos. É de referir que todo o A.T., escrito em Hebreu em forma métrica, se destinava a ser cantado, e que a notação do canto é especificada nos acentos incluídos no texto original. A versificação do A. T. também está no texto. Há, por isso, exegetas que consideram que, sendo o texto divinamente inspirado, Deus queria que as suas palavras nos fossem transmitidas em forma poética e musical, tal como acontece na *KJV*.

Com efeito, as características prosódicas da *Authorized Version* parecem levar-nos a concluir que se trata de uma tradução que teria sido feita para cativar a alma e o coração dos falantes de Inglês em todo o mundo enquanto invoca a fé e a autoridade nas suas vidas, aumentando assim a nossa admiração pela beleza e profundidade da Palavra de Deus.

Termino citando Longino que, em *Do Sublime*, afirmou: "... quando homens que diferem nos seus objectivos, modos de vida, ambições, idades e línguas, pensam todos de maneira semelhante acerca das mesmas obras, então, a opinião unânime de quem tem tão pouco em comum induz uma fé forte e inabalável no objecto de admiração."



Sieger Ködel, *Espírito Santo*